



IV UniSIAE - Semana Integrada de Agronomia, Análise em Desenvolvimento de Sistemas, Arquitetura e Urbanismo e Engenharias

CENTRO CULTURAL E CINEMA DE RUA MISE-EN-SCÈNE

Ana Beatriz Rovani Ferreira

Jeanine Mafra Migliorini

RESUMO

Este trabalho propõe o desenvolvimento de um projeto arquitetônico para um Centro Cultural e Cinema de Rua no centro de Ponta Grossa, Paraná. Parte-se da premissa de que o acesso à cultura é um direito fundamental e que a arquitetura possui um papel transformador na sociedade. O estudo identifica uma lacuna cultural na cidade, marcada pelo desaparecimento dos cinemas de rua – espaços históricos de convivência e formação crítica – e sua substituição por um modelo comercial e menos acessível em shoppings centers. O objetivo central é resgatar a experiência cultural e democrática do cinema de rua, integrando-a a um centro cultural multifuncional que contemple diversas linguagens artísticas (artes visuais, música, teatro, literatura, etc.). A metodologia adotada é qualitativa, baseada em: pesquisa bibliográfica e histórica sobre a relação da cidade com o cinema; análise do terreno e do entorno imediato; e estudo de projetos de referência para embasar a proposta arquitetônica. O projeto, denominado "Cine Cultura Mise-en-scène", é conceitualmente inspirado no surrealismo (especificamente no filme "Um Cão Andaluz"), propondo uma arquitetura que se oponha à lógica puramente comercial e valorize a fantasia e a livre expressão. A implantação no terreno central busca garantir acessibilidade e dialogar com o fluxo de pedestres e o público jovem vizinho. A edificação é organizada em setores integrados que incluem três salas de cinema, um cinema ao ar livre, ateliês, salas de exposição, áreas de convivência e comércio, visando ser um catalisador para a revitalização urbana e a democratização do acesso à arte.

Palavras-chave: Cinema de Rua, Democratização Cultural, Projeto Arquitetônico

CULTURAL CENTER AND STREET CINEMA MISE-EN-SCÈNE

This work proposes the development of an architectural project for a Cultural Center and Street Cinema in the center of Ponta Grossa, Paraná. It starts from the premise that access to culture is a fundamental right and that architecture has a transformative role in society. The study identifies a cultural gap in the city, marked by the disappearance of street cinemas – historical spaces of conviviality and critical formation – and their replacement by a commercial and less accessible model in



IV UniSIAE - Semana Integrada de Agronomia, Análise em Desenvolvimento de Sistemas, Arquitetura e Urbanismo e Engenharias

shopping centers. The central objective is to rescue the cultural and democratic experience of street cinema, integrating it into a multifunctional cultural center that encompasses diverse artistic languages (visual arts, music, theater, literature, etc.). The methodology adopted is qualitative, based on: bibliographic and historical research on the city's relationship with cinema; analysis of the site and its immediate surroundings; and study of reference projects to support the architectural proposal. The project, called "Cine Cultura Mise-en-scène," is conceptually inspired by surrealism (specifically the film "Un Chien Andalou"), proposing an architecture that opposes purely commercial logic and values fantasy and free expression. Its placement on the central site seeks to ensure accessibility and engage with pedestrian traffic and the young neighboring public. The building is organized into integrated sectors that include three movie theaters, an open-air cinema, studios, exhibition spaces, common areas, and shops, aiming to be a catalyst for urban revitalization and the democratization of access to art.

Keywords: Street Cinema, Cultural Democratization, Architectural Project

1 INTRODUÇÃO

No amplo espectro em que a Arquitetura e Urbanismo estão inseridos, o cinema e as artes possuem um potencial transformador significativo sobre a sociedade e sobre o indivíduo, partindo desde promover entretenimento imersivo e compartilhar vivências, até de capacitação em diversas habilidades e da formação do senso crítico. A partir do entendimento de que o acesso à cultura e a noção de cidadania cultural já são direitos conquistados pela população, e visando contribuir para a melhoria da vida urbana no centro de Ponta Grossa, Paraná, o presente documento aborda o desenvolvimento de um projeto arquitetônico de Centro Cultural e Cinema de Rua.

Esse trabalho usa como base uma pesquisa teórica, na qual é discutida o desaparecimento dos cinemas de rua, numa escala local e global, o porquê do acesso à cultura ser tão excludente e limitado, e as consequências que a falta desse contato causa na população da cidade, que já carrega a bagagem cultural de vivenciar esses espaços. O projeto é embasado para ser coerente historicamente como também adequado ao contexto em que será implantado. Em uma segunda análise, o foco torna-se como o homem se complementa com a cultura, e a importância da democratização do acesso a ela, assim retomando a necessidade de um espaço construído com a finalidade de vivenciar tudo que as artes têm para oferecer.

A arte é para o espírito o que o alimento é para o nosso corpo; através da arte nos unimos a uma entidade transcendental, respiramos com seu ritmo e assimilamos a energia necessária para nossa renovação espiritual.
(FAUSTO, J.W. GOETHE, 1948)

Nesse contexto, a sétima arte faz parte do costume princesino, não se restringindo apenas a assistir aos filmes, mas toda a experiência que o cinema transmite. A convivência cultural que esses espaços proporcionam demonstram e valorizam a arte de uma forma acessível à população, e quanto maior a oferta de espaços destinados a essa finalidade, maior a possibilidade da população se interessar e buscar se conectar com o lado sensível cultural como lazer, assim recebendo junto as consequências que a experiência causa no indivíduo. Entretanto, a pesquisa teórica demonstrou como a chegada da televisão no Brasil causou uma diminuição do número de salas de cinema, que representaram a perda

dos poucos espaços de convivência cultural. Durante a década de 90, com a extinção dos cinemas de rua em Ponta Grossa, o significado de ir ao cinema acabou mudando no inconsciente coletivo da população, e a inauguração de salas de cinema dentro do Shopping Palladium em 2005 (SILVA, 2008) apenas reforçou como o ato de ir ao cinema se tornou algo mais comercial do que cultural em si, juntamente de um processo capitalista que torna tênue a linha entre o entretenimento e a indústria buscando o lucro.

Desse modo, com o objetivo de resgatar essa prática cultural da população que já carrega uma bagagem de memórias, e trazer para as novas gerações, busca-se desenvolver um projeto que trata de uma edificação com essa finalidade. Adequando ao contexto atual, o espaço foi projetado para ofertar uma diversidade maior de filmes, assim facilitando o acesso, como também unindo com o setor artístico que carece de locais destinados a exposições, apresentações, e eventos culturais, possibilitando a população uma relação com a cultura dentro do cenário urbano. Não se limitando apenas às artes clássicas, foram pensados ambientes para as artes visuais, música, fotografia, edição, cinema, teatro, literatura e muitas outras possibilidades. Busca-se demonstrar como o espaço projetado pode influenciar uma mudança da população, valorizando e possibilitando experiências artísticas que desenvolvem a formação crítica, cultural, social e política.

Para o atendimento dos objetivos propostos, o trabalho é realizado através de uma pesquisa bibliográfica, dando luz em primeira análise a uma contextualização sobre a história e relação da cidade com os cinemas de rua, como também a relevância da sua reinserção no cenário urbano. Nesse contexto, de forma teórico- conceitual, que se configura como uma pesquisa de metodologia qualitativa (GIL, 1999), o projeto busca, a partir dos dados coletados, desenvolver uma familiaridade com o tema, assim aprofundando os conhecimentos necessários para compreender a sua implantação. Juntamente se faz necessária uma pesquisa exploratória do entorno do terreno selecionado, prevendo os impactos dessa implantação e compreendendo o porquê deste local ser o mais adequado para essa finalidade e para o público-alvo. É analisado desde o uso e ocupação do entorno imediato, mapa de gabaritos, curvas de nível, centros educacionais e culturais próximos, e análises sobre o estado das demandas e necessidades as quais os destinados se encontram.

Em um segundo momento, foi desenvolvido o projeto arquitetônico, voltado a solucionar o desaparecimento de locais destinados à convivência cultural e ao entretenimento acessível, como também a carência de espaços multifuncionais para experienciar as artes na cidade. Essa sequência exigiu uma pesquisa com o estudo de três projetos de referência com escalas, fluxos e finalidades parecidas, para assim desenvolver um projeto arquitetônico utilizando os softwares AutoCad, SketchUp, Escape e Photoshop.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 HISTÓRIA DO CINEMA

A origem do cinema não pode ser resumida ao momento da invenção dos irmãos Lumière, visto que o surgimento deste aparato tecnológico capaz de registrar o movimento não foi repentino, mas sim uma conjunção de circunstância técnicas no final do século XIX, desencadeados por um longo histórico da busca do homem pela representação do movimento e captação de imagens (MASCARELLO, 2006 p.18). Esse interesse da humanidade remonta à Antiguidade, e surgiu juntamente com a compreensão do dinamismo que o movimento carregava. Dessa maneira, se faz possível interpretar em toda a história das artes esse desejo e preocupação com a captação do movimento, como na escultura grega do período helenístico, datada do século I a.C., Laocoonte e Seus Filhos. Nas pinturas, também há um exemplo notável dessa representação na obra renascentista "Primavera" de Sandro Botticelli, pintada em 1482, em que todos os elementos da tela estão realizando alguma ação, tecidos flutuam e a paisagem floresce.

Figura 01 - Laocoonte e Seus Filhos, Primavera



Fonte: Atribuído a Agesandro, século I a.C, Sandro Botticelli, 1482.

Para Souza (1998) o milenar teatro chinês de sombras, que surgiu por volta de 5.000 a.C., pode ser considerado a primeira manifestação cinematográfica do homem, no sentido de apreensão da realidade em movimento seguindo câmera escura (desenvolvida por Giambattista Della Porta, no século XVI, prenunciada por Leonardo da Vinci; projeta uma caixa fechada, com um pequeno orifício coberto por uma lente, e através dela penetram e se cruzam os raios refletidos pelos objetos exteriores, revelando no fundo a imagem invertida no interior da caixa) e lanterna mágica (criação de Athanasius Kirchner no século XVII, inverso a câmera escura, sendo considerada a primeira projeção de imagens de dentro para fora, através de uma caixa cilíndrica iluminada por uma vela que projeta a imagem desenhada em uma lâmina de vidro).

Figura 02 - Cinema de sombras Chines



Fonte: Licenciado sob domínio público.

Entre os outros pontos da história relevantes para o desenvolvimento do cinema estão a descoberta de Peter Mark Roger em 1826 de um fenômeno da persistência retiniana, ou retenção retiniana, que designa a ilusão provocada

quando um objeto visto pelo olho humano persiste na retina por uma fração de segundos após a sua percepção, como se estivesse vendo uma continuidade. A Fotografia também não pode deixar de ser citada, se originado por Louis-Jacques Daguerre e Joseph Nicéphore Niepce na mesma época em que deram início para a criação das primeiras tecnologias de gravação (SADOUL, 1965, p. 9).

No final do século XIX e início do século XX, houve um grande incentivo ao desenvolvimento de tecnologias em relação às imagens e sua predominância no campo das artes. Na época, esse desenvolvimento era encarado como uma inovação para a modernidade da virada do século (MASCARELLO, 2006). A primeira aparição de um aparelho capaz de gravar foi em 1892, por Léon Bouly. Em 1885, na cidade de Lyon, na França, os irmãos Louis e Auguste Lumière patentearam e melhoraram a criação desse aparelho. A máquina que unia uma película sensível e um aparelho de projeção, o cinematógrafo, era capaz de registrar o movimento por meio do uso de negativos perfurados, funcionava à manivela, dispensava a utilização de várias câmeras fotográficas para registrar a imagem, aspecto que a tornou a mais antiga das filmadoras.

O importante acontecimento e um dos mais marcantes da origem do cinema foi a exibição da primeira projeção de imagem em movimento para o público, que aconteceu no dia 28 de dezembro de 1895. Segundo Quadros (2016), a exibição de uma produção feita pelos irmãos Lumière, aconteceu no subsolo do Grand Café, em Paris, para um público formado por intelectuais, professores e fotógrafos, gerando estranhamento e medo nos espectadores que nunca tinham experienciado nada como essa situação. A produção mostrava poucos minutos da chegada de um trem de La Ciotat, em Marselha (SILVA, 2008).

Figura 03 - Chegada do trem à estação – 1º filme dos irmãos Lumière – 1895



Fonte: Revista Manchete, 1975.

A partir deste marco, o cinema passa a ser encarado como um produto fruto da criação do homem relacionado a tecnologia, e assume características industriais principalmente pela produção em uma larga escala, retratando de maneira fundamental a história do homem. Entretanto, somente quando as produções passam de simples registros do cotidiano e começam a apresentar roteiro, envolvendo atores, diretores e pessoal técnico, é que o cinema começa a ser visto e pensado como uma manifestação artística, mudando toda a concepção tradicional de arte, atraindo mais atenção que os teatros e óperas, que eram a forma de entretenimento comum da época (BONASSA, 1987).

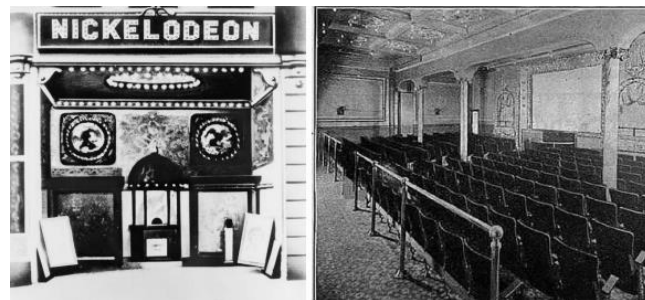
Os 20 anos seguintes da invenção puderam dividir o cinema entre “cinema de atração”, com representações idealizadas para chamar a atenção dos espectadores para essa nova invenção, ser organizados segundo modelos industriais e passam a contar histórias através de uma definição psicológica dos personagens, e trazendo filmes como espetáculos à apreciação e cinema hollywoodiano, dito como clássico, segundo Mascarello (2006). Assim a produção de filmes que eram como espetáculos passou para um cinema narrativo. Essa mudança se deu pela necessidade das produtoras de atrair o público e especificamente a classe média, deixando o cinema acessível a todas as classes, democratizando o seu acesso, e denominando o cinema como primeira mídia de massa.

Alguns marcos históricos foram relevantes para a mudança dessa indústria, como a Primeira Guerra Mundial, o período de cinema clássico, dito hollywoodiano, surgindo com a criação de grandes estúdios e os filmes passam a ter mais tempo de duração, com no mínimo 90 minutos. Em 1929 o cinema passa a ter som, pois até então, desde sua invenção, a qual não se sabe ao certo a quem atribuir, o

cinema era dito “mudo”, e ele passa a se relacionar as vanguardas do século XX como exemplo cinema expressionista e surrealista, representado por obras como “Gabinete do Doutor Caligari” (1920), que está como capa do sumário, e “Um cão andaluz” (1928).

As primeiras exibições eram em espaços de cafés, funcionando como centro de entretenimento, seguidos por "los nickelodeon", que surgiram em 1902, definidos como espaços grandes de depósitos ou armazéns adaptados para exibição de filmes. Esses locais se popularizaram no período de 1905 a 1915, com filmes de 5 a 10 minutos, sendo a maior novidade, chamando atenção primordialmente por isso, e aos poucos pela narrativa, devido à necessidade de continuar entretendo o público, sendo considerados o começo da era industrial cinematográfica.

Figura 04 - Fachada e interior do primeiro Nickelodeon em Los Angeles, 1902.



Fonte: caixolafilmes.blogspot.com Acesso em 2023.

O cinema aparecia, então, como a arte destinada às massas, por excelência. Em primeiro lugar, os altos custos de produção obrigam o cinema a buscar grandes públicos, como condição de sua própria sobrevivência. Além disso, dado como entretenimento, dispensa a concentração exigida por outras formas de arte. Mais ainda, a técnica cinematográfica permite um olhar sobre a realidade inacessível por outros meios: a câmara penetra no real como um cirurgião no corpo humano. Disseca a realidade, modifica seus ritmos, provoca choques pela mudança acelerada de lugares e situações. A arte, portanto, mais próxima da sensibilidade do homem moderno. (BONASSA, 1995, p. 102).

Uma consequência positiva da indústria ter se voltado para atingir as massas foi o acesso à cultura ter se tornando algo mais inclusivo, considerando que os ingressos tinham baixo custo para a população da época, o que contribuiu para ser

popularizado entre as classes trabalhadoras e de baixa renda, oferecendo entretenimento e arte. As produtoras buscavam conquistar esse interesse do público, idealizando o desenvolvimento de locais maiores e de luxo, dando início a uma nova era para o cinema. Desse modo, a convivência cultural de ir ao cinema entrou no inconsciente coletivo da população, por ter se tornado momento de evento cultural na vida da sociedade e, conseqüentemente, na formação cultural das cidades.

O cinema passa a ser o lugar de convívio artístico, interação e trocas interpessoais, ganhando prestígio social, com encontro de diferentes gerações, nichos urbanos, com um contato democrático e igualitário para assistir à sessão de cinema. Estando inserido em uma sociedade capitalista, em algum momento o entretenimento do cinema, a indústria cinematográfica e os seus usuários inevitavelmente teriam uma relação mediada pelo consumo. Nesse meio, o ambiente não se restringia a assistir à obra, e sim toda experiência cultural que ir ver ao filme proporciona, moldando o comportamento humano e sua relação com a cultura (SILVA, 2008).

Outro marco na história do cinema, no final dos anos 70, foi a crise no mundo das artes e entretenimento. Em meio a essa crise, o meio mais significativo de expressão do século, a arte cinematográfica, também foi afetada. A instabilidade foi motivada por uma combinação de fatores psicológicos, sociais e culturais. O aumento do preço do petróleo e a recessão econômica da época levaram a uma queda no poder aquisitivo do público, o que resultou em uma diminuição no número de pessoas indo ao cinema. Além disso, o comércio facilitado da televisão, invenção da década de 60, por cabo e a popularização do videocassete fez com que as pessoas passassem a ter mais opções de entretenimento em casa, o que além de ser mais cômodo, a longo prazo era mais vantajoso financeiramente. Porém, isso elitizou o acesso, visto que não eram todos que tinham condições de ter um aparelho em casa, e os grandes espaços disponíveis começaram a ser fechados (SILVA, 2008).

Simultaneamente a indústria cinematográfica enfrentou mudanças em termos de estilo e conteúdo dos filmes. A geração mais jovem de cineastas estava mais interessada em explorar temas sociais e políticos, em contraste com os filmes de Hollywood mais tradicionais que enfatizavam o glamour e o escapismo. Isso resultou em uma retomada depois dessa grande crise, ocorrendo uma reinvenção do cinema, trazendo produções com efeitos especiais que encantaram e atraíram o público,

conferindo então uma etapa importante do cinema enquanto indústria cultural, com os filmes de grandes produtoras em Hollywood.

Com isso, os chamados multiplexes surgiram, que podem ser definidos como complexos de cinemas com várias salas de exibição. Esses complexos também serviram como fórmula para o reaparecimento do cinema. O espaço tornou a exibição dos filmes mais lucrativa e muito mais voltada para o lado comercial, o cinema se reinventou e se popularizou novamente, entretanto, perdendo a essência de experienciar o ato de ir assistir a uma sessão como evento de convivência cultural, momento de apreciação da arte cinematográfica, e ter se tornado mais um momento de lazer comercial (Ancine, 2018).

Com a expansão dos shopping centers, a atividade de exibição se reorganizou. [...] Esse crescimento, porém, além de insuficiente [...], ocorreu de forma concentrada. Foram privilegiadas as áreas de renda mais alta das grandes cidades. Populações inteiras foram excluídas do universo do cinema ou continuam mal atendidas[...]. (ANCINE, 2018)

2.3 HISTÓRIA DO CINEMA NO BRASIL

Trazendo a análise para escala local, o cinema no Brasil teve sua origem no Rio de Janeiro em 1896 (BILHARINHO, 1997). Logo em seguida, em São Paulo, aconteceu a primeira exibição pública, financiada por André Bourdelot. As primeiras imagens registradas no país foram em 1898, por Afonso Segreto, a bordo de um navio francês, da Baía de Guanabara e dos arredores. Sobre a exibição, no Brasil não houve exibição em cafés como na França, ocorreram diretamente em uma sala com 200 lugares enfileirados especialmente para isso, onde seria projetado o filme. De início, as exibições eram de produções estrangeiras, principalmente francesas, com o aparelho omniographo, semelhante ao cinematógrafo.

A primeira sala de cinema de exibição fixa no Brasil surgiu em 1897: o Salão de Novidades Paris, também usado para outros eventos culturais. No mesmo ano em que inauguraram a primeira sala fixa de cinema no Brasil, também iniciaram as primeiras filmagens nacionais, com a captação de paisagens e acontecimentos sociais, como foram as captações feitas no início do cinema mundial. Os pioneiros das filmagens no Brasil foram José Roberto Cunha Salles e o italiano Afonso Segreto, que dirigiu o primeiro filme brasileira em 1899, intitulado “Salvando D. João” (AIDAR, 2023)

No início do século XX, outras cidades também inauguraram o desenvolvimento cultural relacionado ao cinema, de maneira independente às capitais São Paulo e Rio de Janeiro. Entre essas cidades podem ser citadas Porto Alegre, Manaus e Ponta Grossa, que inaugurou seu primeiro cinema em 1906. O entusiasmo que esse meio cultural gerou no Brasil deu abertura a novas possibilidades comerciais para a sua exploração, trazendo interesse de empreendedores, destacando como pioneiros Antônio Leal, Pascoal Segreto, Marc e seus filhos Júlio Ferrez, Francisco Serrador, Cristovão Guilherme Auler, Paulo Benedetti, Alberto Botelho e os irmãos Giuseppe e Biase Labanca (SILVA, 2008).

Durante as primeiras décadas do século XX, o cinema brasileiro cresceu e se desenvolveu, com a produção de filmes épicos e de diversos gêneros como comédias, dramas e musicais. Em 1929, foi fundada a Cinédia, uma das primeiras produtoras de cinema no país. Nos anos 50 e 60, surgiram importantes movimentos cinematográficos no Brasil, como o Cinema Novo, que buscava uma linguagem própria e crítica da realidade brasileira. Diretores como Glauber Rocha, Nelson Pereira dos Santos e Cacá Diegues se destacaram nessa época, produzindo filmes de grande impacto cultural e social. Nos anos 70, o cinema brasileiro passou por momentos difíceis, com a censura e a falta de incentivo à produção. No entanto, na década de 90, houve um ressurgimento da indústria, com a produção de filmes de grande sucesso, como "Dona Flor e seus Dois Maridos", "Cidade de Deus" e "Central do Brasil". Na atualidade, o cinema brasileiro é reconhecido internacionalmente, com a produção de filmes de alta qualidade e presença de diretores brasileiros em importantes festivais de cinema ao redor do mundo (BILHARINHO, 1997).

A ligação entre arquitetura e cinema é inquestionável, assim como a magia de assistir a um filme em um lugar preparado para isso. O desenho dos espaços de projeção requer soluções arquitetônicas que não apenas respondam à distribuição de assentos e visibilidade, mas também à acústica e à iluminação. (DEJTIAR; FABIAN; ARCHDAILY, 2018)

2.4 HISTÓRIA DO CINEMA E CENTROS CULTURAIS PONTA GROSSA

Contextualizar o início dos espaços culturais em Ponta Grossa demanda uma análise de sua história como um todo. A cidade se originou por estar localizada na rota dos tropeiros no século XVIII. Sendo um ponto estratégico, alguns começaram a se fixar, e para atender às necessidades dos viajantes, os comércios começaram a

surgir, em consequência, o chamado Bairro de Ponta Grossa se iniciou. Simultaneamente os Jesuítas com a companhia de Jesus começaram a se estabelecer na região. Com a busca de autonomia, aos poucos se tornou uma freguesia, depois vila e em 1862 foi elevada a cidade (CHAMMA, 1988). No século XX, foram implantadas ferrovias ligando sul e sudeste que alavancaram o crescimento econômico da região, e juntamente disso começou a nascer um polo, que causou um aumento significativo da população. Entre os novos moradores, pode-se citar a chegada de muitos brasileiros de outros estados, mas também estrangeiros que contribuíram com a formação cultural da cidade (DE PAULA, 2001).

Com o crescimento da cidade, ocorreram mudanças no comportamento social e na vida cultural da população. Nesse contexto, alguns centros culturais étnicos se originaram nessa época, fundados por descendentes de alemães, poloneses, entre outros povos que buscavam liberdade em manifestar sua cultura, e manter suas tradições, visto que a sociedade brasileira conservadora católica acabava excluindo essa possibilidade.

Em 1874, Ponta Grossa inaugurou o Teatro Sant'Anna, espaço destinado ao teatro, bailes, apresentações, espetáculos saltimbancos, e quando surgiu o cinema, sessões cinematográficas. Assim, a cidade passou a vivenciar diversas atividades culturais de lazer além das religiosas, e os clubes recreativos começaram a ser desenvolvidos. Entre esses clubes, estão o Germânia e o Pontagrossense e Literário (Atual clube Ponta Lagoa) em 1896, beneficente em 1897, e o ainda existente Verde, e nesses locais era realizada uma convivência cultural e prática das artes (SILVA, 2008).

O crescimento e florescimento no campo cultural em Ponta Grossa no século XX tinha como local mais movimentado a Rua XV de Novembro, sendo ponto de concentração noturno, com os bares, cafés e outras casas de divertimento dos pontagrossenses, que se tornaram uma tradição para toda população local. Em 1906 foi fundado o primeiro cinema em Ponta Grossa, o Cine Recreio, implantado na Rua Sete de Setembro que faz cruzamento com a Rua XV e que posteriormente seria realocado para ela, sendo um empreendimento do comerciante Augusto Canto, o qual contava com apresentações teatrais e sessões de cinema.

O segundo cinema veio através do incentivo do músico Jacob Holzmann em 1911, "Casa de diversões cinematographicas Holzmann & Cia", o Cine Renascença,

localizado no cruzamento das ruas Sete de Setembro e XV de Novembro, tornando-se palco da cultura e da arte na sociedade ponta-grossense, onde o lazer e o convívio social se faziam presentes. Conhecido como “Rena”, acompanhou o desenvolvimento da cidade, e em 1928 foi reformado e ampliado, passando a poder acomodar 1300 pessoas, com a capacidade anterior sendo de apenas 800. Além dos filmes, no espaço ocorriam espetáculos de teatro, apresentações de música, teatro de revista, entre outras atividades culturais (SILVA, 2008).

Em 1917, ocorreu uma crise cultural entre as companhias de teatro e circo, mas o cinema não foi afetado. Um pouco depois, na década de 20, é fundado o Cine Teatro Éden, considerado um sucessor do Teatro Sant'Anna instalado na Rua XV de Novembro, onde ficou até a década de 40, dando lugar ao Cine Teatro Ópera. Em 1939 o quarto cinema da cidade é inaugurado, o Cine Império, o cinema mais popular de Ponta Grossa na época pelos preços baixos das sessões, algo que democratizou muito o acesso à cultura, criando uma identidade coletiva indo além de classes e descendências. Nessa linha, as sessões atraíam multidões para as mais de mil poltronas e para os corredores, ponto de encontro para troca de gibis, “sessão pão-duro”, em que com um ingresso era possível assistir várias sessões seguidas, além de prêmios sorteados entre as sessões. Sua localização próxima a maior escola da cidade na época, Colégio Regente Feijó, também contribuiu com o sucesso, sendo comum a presença dos alunos mesmo em horários de aula, os quais eram retirados das salas de cinema, para voltarem a escola. O Cine Império esteve em funcionamento até 1992 (SILVA, 2008).

A expansão do cinema acompanha, portanto, o crescimento da cidade e da população, a qual buscava cada vez mais os locais de divertimento e entretenimento, que fosse além dos clubes e associações recreativas da cidade, pois esses espaços atendiam aos associados e o cinema seria um espaço democrático. Entretanto, em 1964 ocorreu o fechamento do Renascença, que causou uma sensação de perda na cidade, com o mais antigo centro de convivência acabando.

Figura 05 - Cinemas de Rua em Ponta Grossa: Renascença, Opera e Império.



Fonte: Acervo casa da memória.

Em 1950, o Cine Teatro Ópera é inaugurado, comportando 1400 lugares, localizado em um ponto nobre, no cruzamento da Augusto Ribas com a XV de Novembro. Além da importância cultural, foi um marco da verticalização da cidade com arquitetura pertencente à Art Déco, sendo o primeiro edifício com elevador, segundo o Conselho de Patrimônio Histórico. Em 1965, o Cine Inajá ocupa a vaga deixada pelo Renascença e é inaugurado, sendo o mais importante e moderno cinema não só da cidade como do Brasil. Com a capacidade de 1300 lugares, no cruzamento da XV de Novembro com a Rua 7 de setembro, funcionou até 2001. Os últimos cinemas de rua foram o de bairro, o Cine Pax, buscando impulsionar o bairro de Oficinas na década de 60, sendo pertencente à congregação religiosa, e o Cine Caribe, que funcionou nos anos 70 na importante rua Balduino Taques, que fazia parte a empresa de João de Quadros (Jornal Diário dos Campos, 03/04/1973).

Muitos foram os fatores que desencadearam no fechamento dos cinemas de rua, um dos mais significativos foi a popularização nos anos 70 da televisão no território brasileiro, o cinema passa a perder sua força, não conseguindo se sobressair ao conforto que a tv proporciona, visto que se tornou cômodo e mais viável adquirir um aparelho. Nesse contexto, no início do século XXI, Ponta Grossa vivenciou o momento de não ter mais nenhuma sala de cinema em funcionamento, após representar o progresso relacionado a essa arte, e ter uma bagagem cultural tão grande guardada pela população. Apenas em 2005, após a construção do primeiro shopping da cidade em 2001, cinco salas de cinema começaram a fazer parte novamente das opções de entretenimento da cidade, no sistema multiplex, que não há como comparar com os espaços antes existentes, em questão de estrutura e experiência que os usuários possuem. Assim Ponta Grossa encerrou por definitivo, até então, a fase de “cinema de terra” (SILVA, 2008).





Em relação aos centros culturais, os primeiros podem ser considerados os clubes étnicos que os descendentes desenvolveram, que aos poucos começaram a ter viés artístico, além do religioso que era o principal de início, mas os com função de exposição e ateliê, tiveram surgimento ainda mais tardio, aproximadamente na década de 70 e 80 com a PROEX outorgada cessionária a Universidade Estadual de Ponta Grossa, e o Centro de Cultura (UEPG, 2023). Por muitos anos a Estação Saudade foi transformada em Estação Arte, um dos principais centros culturais que a cidade teve em um importante patrimônio, que junto dela abrigava a biblioteca municipal. Entretanto, a Estação foi fechada em 2019 e atualmente teve sua finalidade mudada. Entre os outros pontos mais recentes há um novo local na galeria do Ponto Azul, edificação que teve sua função alterada, sendo um local importante da história da cidade, mas mais uma vez uma adaptação (Prefeitura de Ponta Grossa, 2023).

Outros locais inaugurados recentemente, demonstrando que a cidade utiliza e aproveita os espaços, são o CEU das Artes, implantado na Vila Coronel Cláudio, e o Centro de Criatividade, aberto em março de 2023, dedicado ao desenvolvimento de atividades e projetos culturais da comunidade. Apesar de estarem aumentando os espaços destinados à cultura, ainda não suprem a demanda do porte da cidade, assim não conseguindo oferecer uma infraestrutura o suficiente para proporcionar o direito de acesso à cultura que todos os cidadãos apresentam.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante a primeira etapa do trabalho de conclusão do curso, foi realizada uma pesquisa e análise detalhada de três projetos com finalidades semelhantes as do desenvolvido, para assim utilizar como referência no desenvolvimento do projeto. Foram escolhidos também pensando na escala, no fluxo semelhante de pessoas, implantação, acessos, estética, entre outros, tendo um estudo da cidade, dois nacionais e um internacional. Além disso, para compreender a realidade atual da cidade sobre cinemas e centros culturais, foi analisada toda a história e contexto até 2023 em Ponta Grossa, Paraná, compreendendo o que é ofertado, as necessidades, qualidades e defeitos. A tabela a seguir representa uma conclusão desse estudo que guiou o desenvolvimento do projeto.

Quadro 1 – Síntese análise de correlatos para o projeto.

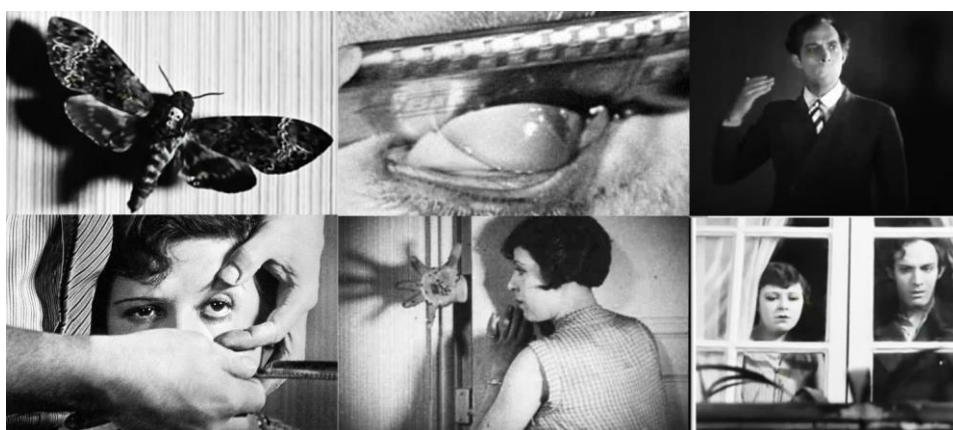
	Cinemas Existentes Ponta Grossa	Etoile Lilás Cinema	Instituto Moreira Salles	Cinemateca Brasileira
Relação com o entorno.	Dentro de shoppings, atraindo o público e movimentando comércio	Em uma quadra com 3 fachadas de acesso, ao lado de uma praça permitindo fluxo livre e mais entradas	No meio da quadra na Avenida Paulista, movimentada, com muitos volumes ao seu redor e apenas uma fachada de acesso	No largo Senador Raul Cardoso, sendo próxima a polos de estudo significativos como a USP e Senai
Capacidade aproximada das salas cinema	Palladium: A: 364 pessoas B: 330 pessoas Total: A: 215 pessoas B: 160 pessoas	A: 96 pessoas B: 195 pessoas C: 274 pessoas D: 460 pessoas	145 pessoas	A: 175 pessoas B: 230 pessoas C: 350 pessoas
Referências para o projeto	Disposição lugares dentro das salas maiores, locais para acessibilidade, Fluxos e entradas	Disposição das salas menores e maiores, verticalidade e diversos acessos, áreas de convivência pública em mais níveis	Salas de exposição, ateliês, ser integrativo e multifuncional com fluxos coerentes, verticalidade, estacionamento, e convivência elevada	Cinema ao ar livre, salas menores com palco, uso do mezanino, áreas multifunções para exposição, áreas de armazenamentos com midiateca e biblioteca.
Foto dos correlatos	 Figura 06: Cinema Shoppings Palladium e Total Fonte: Diário dos Campos, 2017.	 Figura 07: Cinema Etoile Lilás. Fonte: Hardel Lebihan, 2012.	 Figura 08: Instituto Moreira Salles. Fonte: Nelson Kon, 2017.	 Figura 09: Cinemateca Brasileira. Fonte: Edilson Dantas, oGlobo, 2022.

Fonte: Autor, 2023.

O próximo passo do projeto foi direcionar um conceito para guiar seu desenvolvimento. O definido é inspirado na história do cinema e da arte, trazendo um filme surrealista de 1928 durante as vanguardas europeias, Um cão Andaluz (Figura 10), produção marcante na história da arte em que buscou como manifesto o conceito de super-realidade, onde o véu entre sonho e realidade cai, criando esta

nova e absoluta realidade. O filme é escrito e dirigido por Luis Buñuel e Salvador Dalí, dois nomes significativos com o movimento do surrealismo, que se originou em reação ao racionalismo e ao materialismo da sociedade ocidental. O seu diferencial primeiramente era fugir das regras clássicas de espaço e tempo, sendo não linear, possibilitando que o espectador tenha suas próprias interpretações, instigando a reflexão. Dentro dos 16 minutos de filme são desenvolvidas odes aos sentimentos e aos sentidos, críticas à hipocrisia da sociedade da época a qual oprimia sua própria humanidade e seus desejos, tentando libertar as amarras impostas por tradições tidas como ultrapassadas e ultraconservadoras (Lucinda, Alvarenga, 2012).

Figuras 10 - Cenas Filme um Cão Andaluz.



Fonte: Domínio Público.

O partido arquitetônico inicia trazendo o conceito do surrealismo para começar a pensar no projeto. Da mesma maneira em que o filme veio em oposição ao materialismo, o projeto busca se opor à comercialização extrema que o acesso à cultura se tornou. Outro ponto que guiou o projeto foi o movimento ser caracterizado pela expressão do pensamento de maneira espontânea, trazendo referências do subconsciente independente da lógica, assim busca-se desenvolver uma planta livre integradora, com os fluxos amplos e coerentes, mas sem seguir os padrões atuais que visam o comércio acima do entretenimento. Na parte estética, o conceito se concretiza trazendo cenas e elementos marcantes do filme para edificação, com formas e símbolos retomando a curta-metragem, sempre a

valorização da fantasia e do universo onírico no interior e exterior do cinema e centro cultural com formas curvas executadas em MLC, cores escuras e fechadas contrastando com um interior lúdico focando nos filmes com grandes painéis, entre outros pontos.

A planta foi projetada a partir de setores multiculturais, como das artes, cinema, música, mas buscando um layout integrador e inclusivo. Fazendo alusão ao contato com o subconsciente do Surrealismo, para adentrar a edificação há uma estrutura que funciona como um portal para um ambiente grande com pé direito de 17 m, trazendo o ponto a imensidão que o subconsciente pode ofertar sobre a mente humana. As cenas do filme e sua estética também guiaram a composição plástica e dos símbolos aplicados na planta, sendo selecionado elementos marcantes com curvas nos átrios, mobiliário e cantos arredondados, retomando o plano e o olho do filme, que tiveram sua forma abstraída e reinterpretada em alguns caminhos retomando as cenas como da lâmina, na estrutura do portal em MLC, entre outros.

Localizado na Rua Dr. Penteado de Almeida número 351, com a Coronel Dulcídio e a Xavier da Silva, o terreno apresenta de área total aproximadamente 2730 m², estando na região central de Ponta Grossa, Paraná, próximo ao campus da Universidade Estadual de Ponta Grossa. Além de possuir acesso através de três fachadas com testadas amplas, se enquadra no zoneamento Zona Mista 3, enquadrando tanto residencial quanto comercial e possibilitando diversas opções para construção, com taxa de ocupação de 50% e coeficiente de aproveitamento 5. A escolha do terreno teve como motivação a localização central; o formato, que permite diversos fluxos e seus acessos por três ruas; o fluxo alto de pedestres e veículos por essa região e as possibilidades que essa área suscita. Apresenta um desnível de 5 m em uma extensão de 65 m, os ventos predominantes seguem via nordeste, e a fachada norte, na rua Xavier Silva apresenta insolação durante o dia inteiro.

Figura 11 - Análises terreno.

cultural, com pontos comerciais, mas que tem como objetivo principal ofertar de maneira acessível e inclusiva experiências artísticas diversas, de todos os campos da arte, revivendo bagagem cultural ponta-grossense com os cinemas de rua, ressignificando o que ele se tornou, e criando espaços e tradições. Muito se é falado sobre a sétima arte e as 7 artes clássicas, entretanto, tentando ampliar essa visão na mente das pessoas, busca-se desenvolver as chamadas artes modernas junto, com infraestrutura para ateliês de cinema, edição de imagem e áudio.

A edificação é dividida em 8 setores: o primeiro trata do social, onde estão incluídas todas as áreas de convivência, hall de entrada e circulações, visto que a experiência não se limita ao assistir ao filme ou produzir uma pintura, por exemplo. Todo o contato e trocas realizadas no complexo se tornam enriquecedores para o usuário. Há o setor focado na sétima arte, com três salas de cinema, e um espaço ao ar livre que pode ser realizado projeção também. O setor de artes está incluindo todos os ateliês, salas de edição e estúdios, e as salas destinadas à exposição, contendo toda a infraestrutura necessária para ser uma tela em branco para os curadores, ponto com demanda na cidade. Há a divisão de armazenamento no subsolo, junto do de serviço, onde estão inseridos todos os ambientes destinados aos funcionários. A seção comercial pode contribuir com o sustento do centro, sendo atrativa para os usuários, e relacionando com outras áreas artísticas como a literatura e a convivência artística. Por fim, há as áreas molhadas com banheiros e vestiários, e o setor do estacionamento, ofertando ao todo 52 vagas, 12 para moto e 15 para bicicletário.

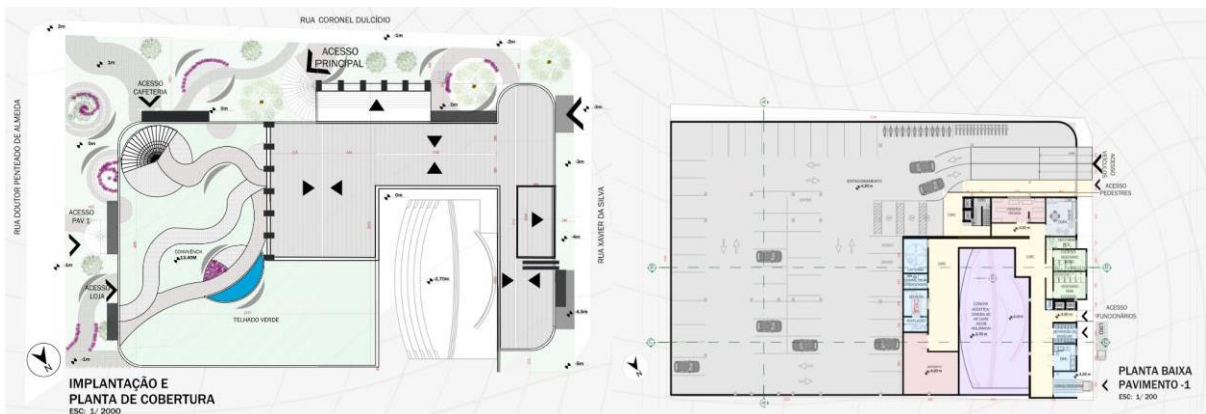
A implantação do projeto considerou o entorno e os acessos primordialmente, para o cinema ao ar livre, foi situado ao fundo da construção permitindo mais privacidade, mas também colocado em frente a lateral do edifício que possui apenas garagem até uma altura considerável, assim não atrapalhando a privacidade, e separando os setores.

O térreo foi desenvolvido considerando a experiência e o promenade arquitetônico do usuário. A partir de uma estrutura de MLC um portal inspirado no olho do conceito foi desenvolvido para adentrar a edificação, com um hall de entrada convidativo que apresenta grandes peles de vidro, integrando o exterior. Logo ao entrar há o contato do hall de entrada com as circulações aplicadas de forma intuitiva direcionando para a ala de interesse, e os demais caminhos

direcionando para finalidade que deseja no centro. O acesso à bilheteria ocorre ao adentrar, sendo utilizada para o cinema e exposições, a sala de cinema maior e o ao ar livre, espaço também para apresentações com as inclinações de concha acústica. Na extremidade sentido leste foi desenvolvido uma torre destinada à experiência artística cultural, com os ateliês de diversos focos, uma secretaria para organizar o funcionamento, e os depósitos para materiais. Com o objetivo de maior privacidade, pode ser encontrado ao fim do corredor a administração do todo, com duas salas, na fachada mais calma das ruas, e na extremidade oposta, na fachada com mais fluxo de pessoas, há o setor comercial com cafeteria, loja, livraria e biblioteca, ambas com mezaninos intermediários entre os pavimentos em que, além da finalidade de comunicar com a saída do cinema do Pavimento 1, vira uma área de convivência.

O pavimento 1 possui um acesso exclusivo externo a partir de uma escada helicoidal pela Rua Penteado de Almeida convidando o pedestre a utilizar o espaço, tendo primeiro contato com as 3 salas de exposições. Além disso, há a continuidade dos comércios com uma biblioteca, também com um mezanino e arquibancada integrativa, para a segunda saída da sala de cinema do pavimento 2. Seguindo a torre das artes, estão presentes mais ateliês e estúdios. No café e no hall pode-se ressaltar a existência de átrios ligando os pavimentos trazendo uma ideia de união conectando o conviver cultural, e que logo ao subir do hall está a primeira sala de cinema menor.

Figura 12 - Desenhos Técnicos do Projeto, sem escala.





Fonte: Autora, 2023.

O pavimento 2 é predominantemente social, com uma grande área multiuso destinada usualmente para convivência no telhado jardim, na qual há muito presente o conceito do projeto, e se eleva a área de lazer público, como uma praça a 14 m do nível da rua. Finalizando a torre das artes, possui mais alguns pontos de ateliês e estúdios artísticos. Além disso, trazendo a experiência do surreal para esse patamar, foi aplicado em um canto a estrutura de MLC enriquecendo os

ambientes de permanência e caminhos do ambiente, e instigando a curiosidade do pedestre que pode avistar da rua esse elemento.

O subsolo, que está localizado no nível mais baixo da topografia natural do terreno, está destinado principalmente a estacionamento e ao setor de serviço, com todos os ambientes destinados aos funcionários. O projeto aproveita o caimento natural do terreno para desenvolver esse pavimento, sendo apenas necessário uma rampa de acesso dos veículos.

Os cortes foram traçados buscando explicar como são os desníveis, o funcionamento das salas de cinema e dos mezaninos intermediários desenvolvidos pensando nos fluxos e saídas para o cinema. Retomando o direcionamento legal, a primeira fila precisaria estar a pelo menos 60% do tamanho da telha de distância, além da inclinação na altura do olhar do usuário não poder ser superior a 40°.

Além desses pontos, pode-se analisar o pé direito total nos pavimentos: térreo, 1 e 2 ser de 6 m, e no subsolo de 3,80 m, porém, de pé direito livre esse valor diminui 40 cm, visto que o sistema adotado é de estrutura metálica com laje alveolar para conseguir suportar os grandes vãos presentes. Desse modo, foi calculado que o tamanho de viga para cumprir com o maior vão seria de aproximadamente 80 cm, com setores de vigas curvas nos cantos arredondados, e vigas com o dobro do tamanho do balanço consequente nesses pontos. É considerando também uma laje de 40 cm, que possui vazios, os alvéolos, os quais serão utilizados para cobertura acústica que

o projeto demanda. Outra questão relevante é o funcionamento do telhado verde, que se faz necessário aplicar uma membrana à prova d'água, camada de drenagem, e 50 cm de solo.

O volume do projeto é composto por blocos unidos por áreas de convivência, circulação vertical e banheiros. Os elementos curvos em MLC se diferem da plástica geral da obra propositalmente para diferenciar e atrair o olhar, chamando a atenção do usuário e contribuindo na experiência. As quebras e diferença entre níveis foram pensadas para diminuir a rigidez, tornando-o mais convidativo, mas buscando sempre não perder a utilidade do espaço. Nos pontos com relação entre pavimentos foram aplicadas grandes peles de vidro para integrar com o exterior e ter entrada de luz.

Considerando a insolação, é aplicado o vidro insulado, que apresenta duas ou mais placas acomodadas paralelamente, separadas por uma câmara de ar desidratado buscando sua eficiência no conforto e evitando a troca interna e externa de temperatura, aplicado nas janelas que mais necessitam considerando as cartas solares da cidade. Entre os materiais definidos estão o concreto, o metal, a madeira laminada colada, os vidros com grandes esquadrias e preparação térmica, como também pensando na preparação acústica, amplispuma como a lã de rocha, assoalho com carpete térmico acústico.

Figura 14 - Renderização sem escala.



Fonte: Autora, 2023.

Figura 15 - Renderização sem escala.



Fonte: Autora, 2023.

Figura 15 – Renderizações internas sem escala.



Fonte: Autora, 2023.

3 CONCLUSÃO

A partir dos dados expostos, pode-se concluir que esse projeto se propôs, em primeiro momento, a realizar uma pesquisa sobre a relevância de restabelecer o cinema de rua na cidade de Ponta Grossa, contextualizando sua história, desde o surgimento do cinema, até as consequências de como está atualmente. Além disso, foi feito um estudo de referências projetuais para desenvolver análise de contexto da temática para alcançar o objetivo principal, que é o desenvolvimento do projeto arquitetônico de cinema de rua e centro cultural Cine Cultura Mise-en-scène, o terreno foi selecionado e amplamente analisado, buscando obter o melhor aproveitamento.

Constatou-se a significância presente na história da relação que a população apresentava com os cinemas e ambientes culturais, que infelizmente tem sido prejudicada, quase extinta em consequência da comercialização do entretenimento e o acesso facilitado à informação através dos aparelhos celulares. Este projeto demonstrou a importância da cultura cinematográfica como uma ferramenta fundamental para a promoção da diversidade cultural e o engajamento da comunidade. A criação de um centro cultural com cinema de rua visa projetar um espaço que sirva como um instrumento urbano de integração, podendo ser uma iniciativa valiosa para a democratização do acesso à cultura e ao entretenimento,



IV UniSIAE - Semana Integrada de Agronomia, Análise em Desenvolvimento de Sistemas, Arquitetura e Urbanismo e Engenharias

sendo uma maneira eficaz de estimular a diversidade artística e cultural, e incentivar a produção e exibição de filmes que representam diferentes perspectivas e histórias, além de fomentar a economia local.

Em síntese, o resultado do projeto representa uma busca de reconectar toda a população ponta-grossense com o universo cultural, de forma acessível para além de usufruírem do espaço com as finalidades propostas, desenvolverem sua criatividade e aflorarem um lado sensível e disposto a trazer para suas rotinas o conviver artístico. Este termo se refere não apenas a consumir todas as artes clássicas e modernas, mas participar ativamente e se sentir pertencente. Desse modo, ofertando novos usos com espaços que apresentam as infraestruturas necessárias para diversas possibilidades, como as salas de exposição e estúdios, mas também revivendo a história da cidade com sua história, desde os nomes até as salas de cinema.

REFERÊNCIAS

AIDAR, Laura. História do Cinema Brasileiro. **Toda Matéria**, [s.d.]. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/historia-do-cinema-brasileiro/>. Acesso em: 01 abr. 2023

BILHARINHO, Guido. **Cem anos de cinema brasileiro**. Uberaba: Instituto Triangulino de Cultura, 1997.

BONASSA, Elvis César. Não chore, é apenas um filme. **Revista Imagens**, Campinas, n. 5, p. 102-106, ago;dez. 1995.

CASSOL PINTO, Maria Lígia. Patrimônio natural da Rota dos Tropeiros, nos Campos Gerais – Paraná – Brasil. **Actas Congreso Internacional de Geografía**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Sociedad Argentina Estudios Geográficos-GAEA, 2015

CHAMMA, Guisela V. Frey. **Ponta Grossa: O povo, a cidade e o poder**. Ponta Grossa: Prefeitura Municipal de Ponta Grossa, 1988.

DE PAULA, José Carlos Milléo. **Poder local em Ponta Grossa**: algumas considerações sobre sua evolução. In DITZEL, C. de H. M. e SAHR, C. L.L. (org.). Espaço e Cultura e os Campos Gerais. Ponta Grossa: editora UEPG, 2001.



IV UniSIAE - Semana Integrada de Agronomia, Análise em Desenvolvimento de Sistemas, Arquitetura e Urbanismo e Engenharias

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. e. São Paulo: Atlas, 1999.
GOETHE, J. W. **Fausto**. Rio de Janeiro: W.M. Jackson Inc., 1948.

PONTA Grossa. **IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**, 2023.
Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pr/ponta-grossa/panorama>.
Acesso em 28/03/2023

JORNAL DIÁRIO DOS CAMPOS. Ponta Grossa, 04 de janeiro de 1964.
LUCINDA, Tatiana Vieira; ALVARENGA, Nilson Assunção Alvarenga. **Um Cão Andaluz**: lógica onírica, surrealismo e crítica da cultura. Juiz de Fora, 2012.

MASCARELLO, Fernando. **História do cinema mundial**. Org. Campinas, SP: Papirus, 2006. – (Coleção Campo Imagético).

Pino, A. (2000). **O social e o cultural na obra de Vygotsky**. Educação & Sociedade, 21 (71), 45-78.

HISTÓRIA da cidade. **Prefeitura Municipal de Ponta Grossa**. Disponível em: <http://www.pontagrossa.pr.gov.br/historia>. Acesso em 08/03/2023

ESTAÇÃO Arte. **Prefeitura Municipal de Ponta Grossa**. Disponível em: <https://www.pontagrossa.pr.gov.br/estacao-arte>. Acesso em 28/03/2023

PRÓ-REITORIA de Extensão e Assuntos Culturais. **Universidade Estadual de Ponta Grossa**. Disponível em: <https://www2.uepg.br/proex/historia/>. Acesso em 28/03/2023

QUADROS, Igor. O Primeiro Longa-Metragem – A chegada do Trem na Estação (1895). **Cine com Pipoca**. Disponível em: <https://www.cinecompipoca.com.br/o-primeirolonga-metragem-a-chegada-do-trem-na-estacao-1985/>. Acesso em 28/03/2023

SADOUL, Georges. **História do cinema mundial**: Das origens a nossos dias. São Paulo: Editora Martins, 1965.

SILVA JUNIOR, Nelson. O Fechamento dos Cinemas em Ponta Grossa: Particularidades de um Processo Histórico Cultural. **Dissertação** – Ciências Sociais Aplicadas - Universidade Estadual de Ponta Grossa – Ponta Grossa, p.28-31, p.48, p.51, p.73-81. 2008

SCHLEDER, Danilo. Antes e Depois Avenida Balduino Taques. **UEPG Foca Foto**. Disponível em: <https://uepgfocafoto.wordpress.com/2013/05/29/antes-e-depois-av-balduino-taques-dr-colaes-e-museu-epoca/>. Acesso em 05/04/2023



IV UniSIAE - Semana Integrada de Agronomia, Análise em Desenvolvimento de Sistemas, Arquitetura e Urbanismo e Engenharias

SOUZA, Carlos Roberto de. **Nossa Aventura na Tela**: a trajetória fascinante do cinema brasileiro da primeira filmagem a "Central do Brasil". São Paulo: Cultura Editores Associados, 1998.